

Arte de formar homens, através da Leitura.

¹Ronize Paula dos Santos Carvalho

²Ana Christina Pires

RESUMO:

O presente trabalho constitui-se em fonte de pesquisa para professores conscientizados que queiram trabalhar na Educação de Campo incentivando a leitura em sala de aula, já que ela deve ser um dos principais meios de motivação. Apresenta também uma fundamentação teórica sobre a necessidade da leitura para o ser humano e um projeto de leitura para que a atual educação literária se encontra presente nas escolas, valorizando o ato de ler e alertar a todos para a importância de tornar o aluno, família, leitores capazes, e não usar apenas decodificador do sistema escrito.

PALAVRAS-CHAVES: Leitura, motivação, aprendizagem, valores e prática social.

CONTEXTO

A proposta tem por objetivo, analisar a importância da leitura nas escolas do campo, pois ao trabalharmos com a mesma estaremos contribuindo na construção de novos conhecimentos, e ao mesmo tempo, ampliando a visão e a perspectiva que esses alunos tem em relação ao campo.

E pensando nisso, existem questionamentos que fazem parte da preocupação do educador, como por exemplo: como formar leitores? Por que muitos estudantes, apesar dos esforços da escola, continuam a não gostar de ler, enquanto outros, se tornam leitores ao longo da trajetória escolar? Que práticas podem ajudar a criar o desejo de ler?

¹Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Jacarezinho, e-mail:ronizesc@hotmail.com tel.(043) 35371455

²Educador Orientador, UFPR Litoral.

Estas perguntas são fundamentais para quem está envolvido no ensino da leitura, uma vez que a leitura é um hábito tão incorporado que parece algo natural, que não depende de problematização ou de reflexão.

Os estudos mostram também que o prazer da leitura ainda está muito distante, e o que percebemos que em escolas do campo essa dificuldade é um pouco maior, não apenas pelo desinteresse, mas também pela falta de infraestruturas. [...] Os equipamentos para a promoção da leitura nas escolas são extremamente precários, muitas vezes, até inexistentes. É o caso das bibliotecas escolares [...] SILVA,2005,p.21.

Mesmo com problemas encontrados nas escolas, precisamos contribuir na formação humana dos alunos e fazê-los compreender que tanto a escola como a educação do campo está inserida nos direitos humanos, direitos de pessoas que vivem e trabalham no campo.

Mas para isso precisamos formar alunos críticos, e a base para isso é a leitura, mesmo sabendo que esse prazer ainda está muito distante da maior parte dos alunos.

Para conseguir incentivar e ao mesmo tempo evitar transtornos o professor terá que fazer o aluno se encantar com um autor ou com um gênero, ir além naquela procura, ler mais e novos livros daquele escritor tão especial ou tão divertido, descobrir livros de antigamente que ele um dia escreveu, sacar sua obra de uma maneira mais ampla. Se o aluno curtir a leitura de um policial ou de poesias, mergulhar fundo em outras publicações desse tipo de escrevinhação. Abrir o leque de autores que mergulharam nesse jeito de escrever, comparar histórias e soluções, palavras e belezuras, finais, ritmos e coloração.

Depois do livro lido é sempre bom pedir para os alunos teatralizarem o capítulo mais emocionante, escreverem para o autor, fazerem de conta que entrevistam o personagem mais incrível, compararem com outras histórias do mesmo escritor ou mesmo gênero, críticas opinativas e pregarem no jornal mural... e tantas outras ideias que cada livro dá, porque ler é um prazer, são possibilidades

infinitas de descobrir o mundo, os outros, os adultos e os da própria idade, é identificação com alguns dos personagens, é procura, é busca, é divertimento, é ampliação. Mas para o aluno ser um apaixonado pela leitura é preciso que o professor também seja, o professor que lê com prazer, com entusiasmo terá alunos que também serão grandes leitores. (MANSUR, 2004).

E pensar no ensino aprendizagem de língua Portuguesa, implica: [...] saber avaliar as relações entre as atividades de falar, de ler e de escrever, todas elas, práticas discursivas, todas elas usos da língua, nenhuma delas secundária em relação a qualquer outra e cada uma delas particularmente configurada em cada espaço em que seja posta como objeto de reflexão (NEVES, 2003,p.89).

Nesse sentido, é preciso que tanto a escola urbana e como a escola do campo seja um espaço que promova, por meio de uma gama de textos com diferentes funções sociais, o letramento do aluno, para que ele se envolva nas práticas de uso da língua, sejam de leitura, oralidade e escrita.

Destaca-se que o letramento vai além da alfabetização: esta é uma atividade mecânica, que garante ao sujeito o conhecimento do código lingüístico, a codificação e decodificação, já aquele de acordo com Soares (1998) refere-se ao individuo que não só sabe ler e escrever, mas usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, posiciona-se e interage com as exigências da sociedade diante das práticas de linguagem, demarcando a sua voz no contexto social.

O professor de Língua Portuguesa, precisa propiciar ao educando a prática, a discussão, a leitura de textos das diferentes esferas sociais. Defende-se que as práticas discursivas abrangem, além dos textos escritos e falados, a integração da linguagem verbal com outras linguagens.

[...] (as artes visuais, a música, o cinema, a fotografia, o vídeo, a televisão, o rádio, a publicidade, as quadrinhos, os charges, a multimídia e todas as formas infográficas ou qualquer outro meio linguageiro criado pelo homem), percebendo seu chão comum (são todas práticas sociais discursivas) e suas especificidades (

seus diferentes suportes tecnológicos, seus diferentes modos de composição e de geração de significados) (FARACO, 2002, p. 101).

A leitura dessas múltiplas linguagens, realizada com propriedade, garante o envolvimento do sujeito com as práticas discursivas, alterando “seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos” (SOARES, 1998, p. 18).

No processo de ensino-aprendizagem, é importante ter claro que quanto maior o contato com a linguagem, nas diferentes esferas sociais, mais possibilidades se tem de entender o texto, seus sentidos, suas intenções e visões de mundo. A ação pedagógica referente a linguagem, portanto, precisa pautar-se na interlocução, em atividades planejadas que possibilitem ao aluno a leitura e a produção oral e escrita, bem como a reflexão e o uso da linguagem em diferentes situações. Desse modo, sugere-se um trabalho pedagógico que priorize as práticas sociais. (MANGUEL, 1997).

Tradicionalmente, a escola tem agido como se a escrita fosse a língua ou como se todos os que nela ingressam falassem da mesma forma. No ambiente escolar, a racionalidade se exercita com a escrita, de modo que a oralidade, em alguns contextos educacionais, não é muito valorizada, entretanto, é rica e permite muitas possibilidades de trabalho a serem pautadas em situações reais de uso da fala e na produção de discursos nos quais o aluno se constitui como sujeito do processo interativo. (MANGUEL, 1997)

Na oralidade, se a escola, institucionaliza, é democrática e garante a socialização do conhecimento, deve então, acolher alunos independentemente de origem quanto à variação linguística de que dispõem para sua expressão e compreensão do mundo.

A acolhida democrática da escola às variações linguísticas toma como ponto de partida os conhecimentos linguísticos dos alunos, para promover situações que os incentivem a falar, ou seja, fazer uso da variedade de linguagem que eles empregam em suas relações sociais mostrando que as diferenças de

registro não constituem científica e legalmente objeto de classificação e que é importante a adequação do registro nas diferentes instâncias discursivas.

Devemos lembrar que a criança, quando chega à escola, já domina a oralidade, pois cresce ouvindo e falando língua, seja por meio das cantigas, das narrativas, dos casos contados no grupo social, do diálogo dos falantes que a cercam ou até mesmo pelo rádio e TV. (MANGUEL, 1997).

A escola muitas vezes desconsidera os fatores que geram a imensa diversidade: localização geográfica, faixa etária, situação socioeconômica, escolaridade, etc... (POSSENTI, 1996). O professor precisa ter clareza de que tanto a norma padrão quanto as outras variedades, embora apresentem diferenças entre si, são igualmente lógicas e bem estruturadas.

A sociolinguística não classifica as diferentes variantes linguísticas como boas ou ruins, melhores ou piores, primitivas ou elaboradas, pois constituem sistemas linguísticos eficazes, falares que atendem a diferentes propósitos comunicativos, dadas as práticas sociais e os hábitos culturais das comunidades.

Em relação a escrita, ressalte-se que as condições em que a produção acontece determinam o texto. Antunes (2003) salienta a importância de o professor desenvolver uma prática de escrita escolar que considere o leitor, numa escrita que tenha um destinatário e finalidades, para então se decidir sobre o que será escrito, tendo visto que “a escrita, na diversidade de seus usos, cumpre funções comunicativas nacionalmente específicas e relevantes” (ANTUNES, 2003, p. 47).

O aperfeiçoamento da escrita se faz a partir da produção de diferentes gêneros, por meio das experiências sociais, tanto singular quanto coletivamente vividas. O que se sugere, sobretudo, é a noção de uma escrita como formadora de subjetividades, podendo ter um papel de resistência aos valores prescritivos socialmente. A possibilidade da nação, no exercício desta prática, permite ao educando ampliar o próprio conceito de gênero discursivo.

É preciso que o aluno se envolva com os textos que produz e assuma na autoria do que escreve, visto que ele é um sujeito que tem o que dizer. Quando escreve, ele diz de si, de sua leitura de mundo. Bakhtin (1992, p. 289) afirma que “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição do falante nesse ou naquele campo do objeto de sentido”. A produção escrita possibilita que o sujeito se posicione, tenha voz em seu texto, interagindo com as práticas de linguagem da sociedade.

Compreende-se a leitura como um ato dialógico, interlocutivo que envolve demandas sociais, históricas, políticas, econômicas, pedagógicas e ideológicas de determinado momento. Ao ler, o indivíduo busca as suas experiências, os seus conhecimentos prévios, a sua formação familiar, religiosa, cultural, enfim, as várias vozes que o constituem. Isso se torna muito importante, essa compreensão da criança, sobre a sua realidade e principalmente sobre o espaço em que ela está inserida, para que a mesma perceba que é fundamental estudar no campo, não para sair do campo futuramente, mais sim para se tornar um agente ativo na transformação desta realidade, o que o levará a conviver melhor e de forma mais prazerosa.

A leitura se efetiva no ato da recepção, configurando o caráter individual que ela possui, “[...] depende de fatores linguísticos e não- linguísticos: o texto é uma potencialidade significativa, mas necessita da mobilização do universo de conhecimento do outro –o leitor – para ser atualizado” [...] (PERFEITO, 2005,p. 54-55).

Esse processo implica uma resposta do leitor ao que lê, é diálogo, acontece num tempo e num espaço. No ato da leitura, um texto leva a outro e orienta para uma política de singularização do leitor que, convocado pelo texto, participa da elaboração dos significados, confrontando-o com o próprio saber, com a sua experiência de vida.

Para SILVA (2005, p. 24), [...] a prática de leitura é um princípio de cidadania, ou seja, o leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar

sabendo quais são suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz.[...].

Praticar a leitura em diferentes contextos requer que se compreendam as esferas discursivas em que os textos são produzidos e circulam, bem como se reconheçam as intenções e os interlocutores do discurso.

É nessa dimensão dialógica, discursiva que a leitura deve ser experienciada, desde a alfabetização. O reconhecimento das vozes sociais e das ideologias presentes no discurso, tomadas nas teorizações de Bakhtin, ajudam na construção de sentido de um texto e na compreensão das relações de poder a ele inerentes.

A leitura, como produção humana, está intrinsecamente ligada à vida social. O entendimento do que seja o produto literário está sujeito a modificações históricas, portanto, não pode ser apreensível somente em sua constituição, mas em suas relações dialógicas com outros textos e sua articulação com outros campos: o contexto de produção, a crítica literária, a linguagem, a cultura, a história, a economia, entre outros.

Para Candido (1972), a literatura é vista como arte que transforma o homem e a sociedade. A ela é atribuída três funções: a psicologia, a formadora e a social.

A função psicológica permite ao homem a fuga da realidade, mergulhando num mundo de fantasias, o que lhe possibilita momentos de reflexão, identificação e catarse.

Na formadora o autor afirma que a literatura por si só faz parte da formação do sujeito, atuando como instrumento de educação, ao retratar realidades não reveladas pela ideologia dominante.

A função social, é a forma como a literatura retrata os diversos segmentos da sociedade, é a representação social e humana. O autor cita o regionalismo

para exemplificar essa função.

O texto literário permite múltiplas interpretações, uma vez que é na recepção que ele significa. No entanto, não está aberto a qualquer interpretação. O texto é carregado de pistas, estruturas de apelo, as quais direcionam o leitor, orientando-o para uma leitura coerente. Além disso, o texto traz lacunas, vazios, que serão preenchidos conforme o conhecimento de mundo, as experiências de vida, as ideologias, as crenças, os valores a que o leitor carrega consigo.

Ficou mencionado como trabalhar a parte da língua portuguesa e a partir daí qual é a função social da escola e o que a sociedade espera da escola? Esta questão tem sido objeto de debates e discussões por parte de educadores, universidades, organizações não governamentais. Em geral todos concordam que cabe à escola formar cidadãos críticos, reflexivos, autônomos, conscientes de seus direitos e deveres, capazes de compreender a realidade em que vivem, preparados para participar da vida econômica, social e política do país e aptos a contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, com menos desigualdade social, onde as pessoas possam viver com mais dignidade.

Para a formação deste homem, capaz de entender, interpretar e transformar o mundo em que vive, é necessário o domínio de determinados conteúdos científicos e culturais. Portanto, a função básica da escola é garantir a aprendizagem de conhecimentos, habilidades e valores necessários à socialização do indivíduo.

Estas aprendizagens devem constituir-se em instrumentos para que o aluno compreenda melhor a realidade que o cerca, favorecendo sua participação em relações sociais cada vez mais amplas, possibilitando a leitura e interpretação das mensagens e informações que hoje são amplamente veiculadas, preparando-o para a inserção no mundo do trabalho e para a intervenção crítica e consciente na vida pública. Faz-se, pois, necessário que a escola propicie o domínio dos conteúdos culturais básicos, da leitura e da escrita, das ciências, das artes, das letras. Sem estas aprendizagens, dificilmente ela poderá exercer seus direitos de

cidadania.

Segundo RODRIGUES (1993), referindo-se às competências que o aluno deve desenvolver na escola através destes conteúdos, diz que: “os educandos precisam compreender o que é uma sociedade capitalista, como ela se organiza e como se organizavam as classes e os grupos sociais nesta sociedade. Precisam entender ainda como a cidade se desenvolve, as relações entre a cidade e o campo e as relações fundamentais do mundo da produção, como a cultura se diversifica, qual o papel dos agentes culturais, como a ciência é produzida, qual o papel da ciência e da técnica no mundo moderno, como se organiza a vida política no município e no país, como ocorrem as relações internacionais, como as pessoas são manipuladas e como participam da construção e da reconstrução desse processo, por que existe a favela, porque é desvalorizado o trabalho do campo, por que os salários não são estabelecidos em função da importância social da produção”.

Nessa perspectiva, os conteúdos curriculares devem estar sempre articulados com as práticas e os problemas sociais, cabendo ao professor organizar experiências e situações de aprendizagem que permitam que os alunos possam fazer relações entre esses conteúdos e as questões presentes em sua comunidade.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Com o tema explícito e sua importância, a escola do campo “Escola Estadual Tiradentes”, localizada no município de Barra do Jacaré PR, ofertou a sua clientela o projeto sobre leitura com proposta fundamental de incentivar os participantes a valorizar, sistematizar e organizar textos.

Acreditam que os alunos precisam ser incentivados a pensar e agir por si próprios, assumindo sua condição de sujeitos da aprendizagem, do trabalho e da cultura do meio onde vivem.

O projeto tem a proposta inicial, incentivar os alunos a superarem as

dificuldades na leitura e na produção de textos, e com isso envolver outras disciplinas. Segundo EZEQUIEL, (2005),” A promoção da leitura é uma responsabilidade de todo o corpo docente de uma escola e não apenas dos professores de língua portuguesa, pois não supera uma dificuldade ou uma crise, com ações isoladas”.

Mas para que a leitura seja de fato prazerosa e válida é necessário a seguinte condição: o desejo do leitor e para suscitar esse desejo e garantir o prazer da leitura e necessário dar ao aluno o direito de escolher o que quer ler, o de reler, o de ler em qualquer lugar e respeitando estes direitos, o leitor passa a respeitar e valorizar a leitura, criando-se um vínculo indissociável.

Portanto, uma vez por semana, alunos se encontram na escola, no período vespertino, para fazer um círculo de leitura, onde eles sentam-se ao chão e são incentivados a relatar trechos de histórias lidas.

Por ser uma escola de campo, a quantidade de alunos é menor, e em alguns momentos ensaiam peças de teatro, e o que incentivam também, e digitar suas histórias no laboratório de informática, praticando assim não somente a leitura, mas a escrita também.

Acreditam que o hábito da leitura é fundamental para a prática de produção de texto, pois o fracasso na produção deve-se justamente ao fato de haver pouca leitura. E a experiência juntamente com os professores foi acima de tudo incentivar a aluno à leitura e a escrita em todos os seus aspectos e criar condições para que tais atividades se desenvolvam de modo produtivo e eficiente.

O referido projeto foi elaborado também como forma de constituir melhorias na vida dos beneficiados, incentivando os alunos o pensar criticamente, e de modo a instrumentaliza-los para a luta em prol de uma educação cidadã e de uma sociedade mais justa e igualitária, em que os participante dessa “Educação no campo”, vejam que estudar, não é para sair do campo, mas para poder enxergar a sua própria identidade.

CONSIDERAÇÕES

Dizer o que é leitura parece não ser uma tarefa muito fácil, existem diferentes conceitos do que seja o ato de ler. Considero que ler significa produzir sentido e a partir dessa consideração podemos dizer que existem diferentes textos a serem lidos. Ler para mim, sempre significa abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência dos personagens.

Há nas escolas brasileiras uma questão crucial: como formar hábitos de leitura aos alunos. Ao longo da história escolar, a leitura nem sempre ocupou o centro das discussões relacionadas à aprendizagem e com as ações ler e interpretar. Produzir passou exigir um comportamento diferente de todos os profissionais, em todos os níveis da educação. Assim inclui-se a leitura também nas escolas do campo para que se formem alunos sociáveis, críticos para entender o valor de suas ações na sociedade em que vive.

No decorrer da proposta são citados os múltiplos caminhos e suportes para que o professor como mediador possa desenvolver nos seus alunos, os seus valores, ideologias, e diferentes outras situações que estão presentes na formação dos alunos, as quais são vinculadas via leitura.

Através do projeto desenvolvido minhas expectativas em ser educadora se expandiram e percebi que os alunos puderam sentir que a “LEITURA” deve ser vista como fonte de prazer e sabedoria. E que não há escolas num campo sem perspectivas, com um povo sem horizontes e buscando sair dele. Por isso nosso maior desafio é valorizar a cultura do homem do campo.

Referências Bibliográficas:

GADOTTI, Moacir. **Uma só escola para todos.** Petrópolis, Vozes, 1990.

GERALDI, J. W. **Concepções de linguagem e ensino de português.** 5. Ed. Cascavel: Assoeste, 1990.

ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético.** São Paulo-Editora 34, 1996, vol. 1.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação a teoria literária-** São Paulo. Ática 1994.

OLIVEIRA, Betty, Duarte, Newton. **Socialização da saber escolar.** São Paulo: Cortez 1987.

SILVA, Ezequiel, Theodoro. **A produção da Leitura na escola:** Ática. 2005

MANSUR, Gilberto: **Um outro jeito de voar.** Editora Formato, 2004, Literatura Infanto - juvenil.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** Companhia das Letras. São Paulo. 1997